



# Leitura da Paisagem Contemporânea de Itapina: Implantação, Representação, Referencial

Eneida Mendonça<sup>a</sup>, Jorge Correia<sup>b</sup> e Fernanda Fernandes<sup>c</sup>

<sup>a</sup> Universidade Federal do Espírito Santo, Programas de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo e em Geografia (PPGAU/UFES e PPGG/UFES)  
Vitória, Espírito Santo, Brasil.  
E-mail: eneidamendonca@gmail.com

<sup>b</sup> Universidade do Minho, Lab2PT,  
Guimarães, Minho, Portugal.  
E-mail: jorge.correia@eaad.uminho.pt

<sup>c</sup> Universidade Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU/UFES)  
Vitória, Espírito Santo, Brasil.  
E-mail: fernandaqr@hotmail.com

*Submetido em 15 de outubro de 2024. Aceito em 30 de dezembro de 2024.*  
<https://doi.org/10.47235/rmu.v12i2.422>

---

**Resumo.** *Este artigo propõe debater resultados da análise da configuração da paisagem atual de Itapina, município de Colatina, estado do Espírito Santo, Brasil, com destaque para o seu núcleo principal de ocupação, com vistas ao estabelecimento de referenciais que possam ser considerados em projetos futuros de qualificação urbana do lugar. Com base na primeira etapa do projeto de investigação: ‘Transformação da paisagem urbana contemporânea em polos regionais: apagamento e persistência em Itapina e Maria Ortiz, Colatina – ES’, o trabalho evoluiu metodologicamente da recolha de informação documental, do levantamento urbanístico e fotográfico, e da elaboração de registro e produção gráfica analítica, para a formulação de hipóteses interpretativas sobre modelos de implantação e suas representações. O artigo propõe um debate sobre a paisagem contemporânea decorrente da aplicação de modelos com eco histórico, sua conformação física e representação simbólica. Em especial, será considerada a relação da(s) alta(s) com a(s) baixa(s) do vilarejo e a composição axial de ruas e/ou eixos de estruturação funcional. Essa abordagem integrada pretende explorar a morfologia urbana como instrumento para a valorização de referenciais da paisagem urbana de Itapina na sua longa duração.*

**Palavras-chave.** *Itapina, forma urbana, referenciais da paisagem, modelos históricos, representação simbólica.*

---

## Introdução

O enfoque principal deste trabalho está na interpretação da paisagem contemporânea como resultado da aplicação de modelos com eco histórico, sua conformação física e sua representação simbólica (Kostof, 1991). Esse debate se apresenta no campo mais amplo

teórico da Morfologia Urbana, que busca compreender a leitura dos traçados urbanos formados gradualmente ao longo do tempo e resultam na adição de elementos que expressam esquemas de organização do espaço urbano. Autores como Morris (1979), Kostof (1991), Portas (2005), Dias Coelho (2014) questionam a ideia da cidade como

uma obra acabada. Sob essa perspectiva, contribuem para o entendimento de que, a forma urbana é resultado de acúmulo de tempos, sendo a base da cidade estratificada em camadas e produzida gradualmente por sobreposições, adições, apagamentos. Desses processos de transformações, incide a importância de entender o valor e a função dos elementos que compõem essa paisagem urbana, que de acordo com Cullen (2010) se tornam referências e são marcantes no contexto da organização da cidade. Através do tempo, reconhecemos o significado e a permanência desses elementos e traços do lugar na composição da forma urbana, podendo servir como potenciais conectores para projetos futuros de qualificação urbana.

O cenário deste estudo está situado em Itapina, município de Colatina, estado do Espírito

Santo, Brasil, cuja configuração espacial reflete o processo de sobreposição de tempos e camadas. (Figura 1). O presente estudo propõe debater resultados da análise da configuração da sua paisagem atual, com destaque para o núcleo principal de ocupação, com vistas ao estabelecimento de referenciais que possam ser considerados em projetos futuros de qualificação urbana do lugar. A investigação contempla a evolução desde sua origem, um núcleo de ocupação vinculado à prosperidade da economia cafeeira, nas primeiras décadas do século XX, ao desenvolvimento das redes de transporte fluvial e ferroviário, até a sua configuração atual, marcada pela introdução de novos eixos rodoviários e pela tentativa, ainda incompleta, de integração entre as margens do rio Doce, simbolizada pela ponte inacabada.



**Figura 1.** Imagem da rua principal de Itapina – ES, Brasil (fonte: elaborada pelos autores)

Este trabalho teve início com o aprofundamento dos pressupostos teóricos relacionados à temática, acompanhado pelas primeiras prospecções sobre a análise da paisagem urbana de Itapina. Essa fase inicial compôs a primeira etapa do projeto de investigação intitulado "Transformação da paisagem urbana contemporânea em polos regionais: apagamento e persistência em Itapina e Maria Ortiz, Colatina – ES" (projeto coordenado no Brasil por Eneida Souza Mendonça e financiado pela FAPES e CNPQ, com início em 2024) (Figura 2).

A partir destas reflexões preliminares, o artigo concentra-se, num primeiro momento, na etapa inicial de compreensão da evolução histórica do município. Para isso, foi construída uma linha do tempo baseada em fontes documentais, tanto iconográficas quanto textuais, que permitiu identificar marcos temporais significativos, delimitando dois períodos evolutivos essenciais para o entendimento das transformações da paisagem de Itapina. A segunda parte deste trabalho concentra-se na análise detalhada do processo investigativo, onde, a partir da compreensão da estrutura temporal, foram definidas cinco plataformas (ou camadas), que

representam elementos-chave da paisagem de Itapina. Esses componentes foram essenciais

para entender a dinâmica urbana ao longo do tempo.



**Figura 2.** Tipo de Perfil esquemático elaborado nas primeiras prospecções de análise da paisagem urbana de Itapina – ES, Brasil (fonte: elaborada pelos autores)

Além disso, a composição das ruas e os eixos de estruturação funcional do traçado urbano foram analisados, destacando o simbolismo da relação entre as partes altas e baixas do vilarejo. Essas análises foram enriquecidas pela elaboração de mapas e perfis esquemáticos, que permitiram visualizar de forma clara as interações e o desenvolvimento espacial da cidade.

Por fim, na terceira parte, dedicada às conclusões e perspectivas, o trabalho destaca a importância de valorizar os referenciais da paisagem urbana de Itapina ao longo do tempo, reconhecendo sua relevância para projetos futuros. Ao alinhar intervenções com potencialidades persistentes, é possível promover o desenvolvimento e a preservação da memória histórica e morfológica da região.

### Referencial Teórico

Pautado na leitura de John Brinckerhoff Jackson, um dos principais representantes do pensamento contemporâneo da paisagem nos Estados Unidos (1909-1996), e fundador da revista *Landscape* (1951), “A paisagem é um território fabricado e habitado”. Segundo a teoria jacksoniana a paisagem é uma ‘produção cultural’ e não está separada da vida cotidiana; é um ‘espaço organizado’, ‘composto e desenhado pelos homens na superfície da Terra’; é uma ‘obra coletiva das sociedades’ que transforma o substrato natural. Besse (2014) reforça essa definição procurando elucidar a noção de paisagem definida a partir de um território produzido e praticado pelas sociedades humanas, que extrapola a representação mental, e que evidencia suas relações com as questões econômicas, políticas e culturais.

Sob essa ótica da dimensão projetual da paisagem, é possível ‘ler a paisagem’ a partir da sua morfologia, de seus elementos estruturantes. A paisagem, enquanto

expressão material e simbólica, pode ser comprovada como um componente organizador das cidades, tal como argumentam Fernandes e Mendonça (2023, p.5). Segundo as autoras, “elementos marcantes naturais, como a disposição da vegetação, podem definir o traçado e o alinhamento de um caminho; ou uma praça pode se constituir em um ponto de ‘referência’ ou ‘pausa’ antes de uma edificação significativa”, antes de uma edificação importante. Tais elementos atuam não apenas como organizadores físicos do espaço urbano, mas também refletem e participam ativamente na construção de uma ordem social. De acordo com Besse (2014), essas estruturas físicas interpretam e materializam projetos de sociedade, sendo visíveis nas fronteiras de uma comunidade, na repartição de terras entre famílias ou na construção de vias de circulação.

Dentro desse contexto, os trabalhos de Kostof (1991) reforçam o poder simbólico das partes que compõem as formas das cidades, destacando como sua geometria pode representar forças de concentração e desconcentração. Essas dinâmicas estão associadas a diferentes tipos de traçados urbanos — abertos, fechados, naturais, orgânicos. A partir dessa análise, entende-se que o traçado urbano não é apenas uma questão funcional, mas também carrega significados culturais e históricos que refletem as relações sociais e o desenvolvimento urbano da região.

A morfologia urbana estudará essencialmente os aspectos exteriores do meio urbano e as suas relações recíprocas, definindo e explicando a paisagem urbana e a sua estrutura. O conhecimento do meio urbano implica necessariamente a existência de instrumentos de leitura que permitem organizar e estruturar os elementos

apreendidos, e uma relação objeto-observador. Estes dois aspectos defrontam-se com questões de objetividade na medida em que dependem de fenômenos culturais [...] (LAMAS, 2011, p. 37)

Lamas (2011) estabelece uma relação essencial entre o conceito de morfologia urbana e o de paisagem, compreendendo a paisagem não apenas em seu aspecto natural, mas profundamente ligada aos fenômenos culturais. Segundo Fernandes (2016), essa relação acompanha a morfologia urbana desde o seu surgimento como uma nova disciplina, por volta de meados do séc. XX. Seus fundamentos culturais foram construídos sobre os valores da memória e do contexto, utilizando a história e a geografia como bases para defender a ideia da cidade como objeto perene, carregado de significados ao longo do tempo. De acordo com teóricos como Frampton (1997), Montaner (2001) e Nesbit (2006), foi a partir desse debate, que nos estudos sobre as cidades, estas deixam de ser vistas e planejadas como modelos urbanos idealizados e transformados sobre o “paradigma da máquina”, características das sociedades industrializadas no século XIX, começando a dar lugar a uma abordagem mais humana e sensível. Nessa nova perspectiva o foco passou a ser a vida cotidiana, as necessidades humanas e as culturas locais. A cidade começou a ser vista como obra de arte, como artefacto e como processo de construção no tempo longo, reforçando a importância de preservar a identidade e a historicidade das cidades.

A cidade herdada tornou-se assim o objeto de estudo e a morfologia urbana o método para decodificar os mistérios que envolvem o processo de produção de uma entidade física complexa e extraordinária, tão fascinante nos ambientes que cria como, às vezes, aparentemente inexplicável na expressão física que materializa. (FERNANDES, 2016, p.112)

Todos esses aspectos, tanto no sentido de recuperar a dimensão das cidades e de seus elementos como artefactos formais ‘a favor da cidade’, quanto no sentido da continuidade histórica de um objeto herdado, levou à estruturação da morfologia urbana como um

campo teórico-metodológico. Sobre seus conceitos, Oliveira (2018, p. 9) define morfologia urbana como a “[...] ciência que estuda a forma física da cidade, bem como os atores e os processos de transformação que a moldam”, enquanto para M.R.G. Conzen (2004) ela é entendida como estudo que busca explicar o traçado e a composição espacial de estruturas urbanas e espaços livres, suas características materiais e significados simbólicos à luz das forças que as criaram, expandiram, diversificaram e as transformaram.

Dentro dessas perspectivas conceituais tem-se como entendimento principal a dimensão do tempo como análise. Para alguns teóricos, como já mencionado, a cidade não é uma obra acabada e estática, mas em constante modificação, seja de forma espontânea ou racional. Sendo assim a forma urbana é resultado de acúmulo de tempos, sendo a base da cidade estratificada em camadas e produzida gradualmente por processos morfológicos de transformações, apagamentos e persistências. No contexto de estudos internacionais, sobre a duração das formas urbanas no tempo, podem ser citados os trabalhos de Dias Coelho (2014), que destacou a cidade como um objeto em constante metamorfose naqueles tecidos que são resultados de um processo sedimentar.

Nessa abordagem das “durações históricas”, M.R.G. Conzen (2004), fundador da escola inglesa de morfologia urbana, compreende a historicidade como o atributo referente à capacidade de demonstração dos conteúdos históricos, culturais e sociais, que permanecem nas paisagens urbanas ao longo do tempo. Um dos conceitos centrais para a aplicação de análises morfológicas é através do entendimento da expressividade histórica, que se refere à habilidade da paisagem de refletir materialmente as permanências de vários períodos, ou seja, a acumulação das formas ao longo do tempo (Costa, 2011).

Essa historicidade permite identificar elementos urbanos significativos que marcam diferentes períodos morfológicos. A identificação é dada através de uma seleção de períodos históricos que tratam de eventos específicos e ideológicos, como reinados e impérios, e de períodos evolutivos que consideram os desenvolvimentos social,

político e cultural, além de inovações e evoluções, refletidas na estrutura urbana. Ao identificar elementos morfológicos-chave, é possível realizar uma leitura dos diferentes períodos evolutivos, proporcionando uma visão abrangente da organização funcional da cidade.

Nesse debate a morfologia urbana tem o papel de ser um indicador de valor e um instrumento de leitura da paisagem, pois revela as persistências e apagamentos funcionais dos elementos estruturantes ao longo do tempo. M.R.G. Conzen (2010, p. 5) enfatiza, ainda, que "a paisagem adquire existência diferenciada da sociedade que a ocupa e, muito mais que refletir as suas aspirações atuais, reflete também um processo histórico incompleto, cumulativo de todas as necessidades e aspirações humanas sucessivas que se desenvolveram neste determinado habitat." Neste sentido, a morfologia urbana nos fornece uma compreensão mais profunda do valor e da função dessas estruturas urbanas que, de acordo com Cullen (2010), se tornam referências e são marcantes no contexto da organização da cidade. Formam a base da configuração morfológica de uma cidade e exercem um papel central na manutenção de sua identidade e funcionalidade ao longo de cada período.

Através do tempo, reconhecemos o significado e a permanência desses elementos e traços do lugar na composição da forma urbana, podendo servir como catalisadores para projetos futuros de qualificação urbana. A capacidade de considerar esses elementos ao longo do tempo permite criar estratégias para preservar, revitalizar e integrar essas estruturas urbanas, garantindo que a cidade não perca suas referências históricas e identitárias. Dessa forma, o estudo da forma urbana vai além da análise da forma física; ele se torna uma ferramenta essencial para compreender a cidade como um processo contínuo e acumulativo, onde passado, presente e futuro se entrelaçam para moldar o espaço urbano e suas funções.

A morfologia urbana compreende que a paisagem resulta sempre de um processo de acumulação, mas é, ao mesmo tempo, contínua no espaço e no tempo, é uma sem ser totalizante, é complexa, pois resulta sempre de uma

mistura, um mosaico de tempos e objetos datados. É então a disciplina que percebemos poder interpretar tal organismo, para sugerir instrumentos de preservação da paisagem sem engessá-la e de tal forma se tornar suporte desse processo que venha a diminuir a vulnerabilidade de uma paisagem patrimônio frente aos impactos do tempo (SAFE e COSTA, 2014, p. 3).

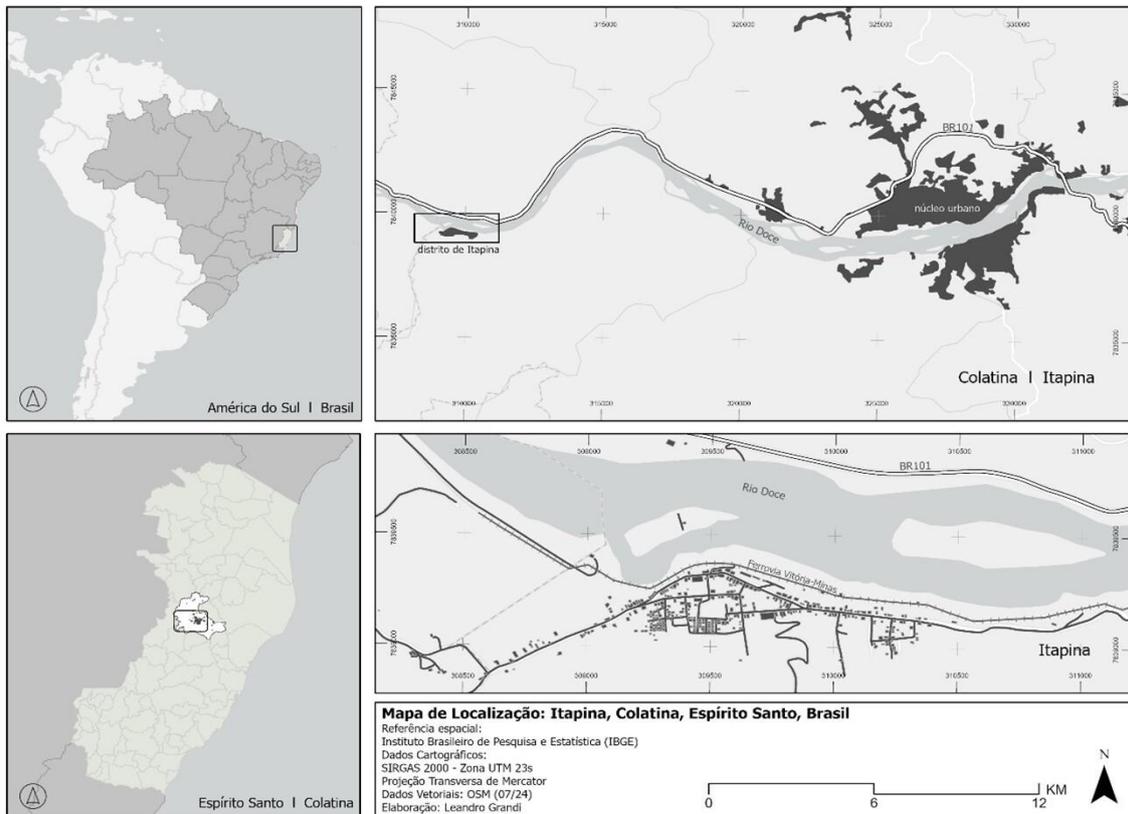
### Leitura Urbana em Itapina

Itapina é um núcleo urbano situado no município de Colatina, no estado do Espírito Santo, Brasil (Figura 3). Com uma população de 1.983 habitantes, conforme os dados preliminares do IBGE (2022), Itapina encontra-se a 166Km da capital do estado, a cidade de Vitória, e a 30 km da sede do município de Colatina, posicionada entre morros, atravessada pela Estrada de Ferro Vitória-Minas e às margens do Rio Doce.

Segundo Tesch (2018), a localidade originalmente chamava-se Lajes, e sua territorialidade está vinculada aos indígenas Munhageruns e Nac-Nuncs, pertencentes à nação dos Botocudos. O processo de urbanização do distrito iniciou-se nas margens do Rio Doce, a partir da segunda metade do século XIX, com a chegada de imigrantes fluminenses, mineiros e europeus. O desenvolvimento local começou em 1907, quando, com a construção da estrada de ferro e da estação ferroviária, Itapina se consolidou como um polo relevante na produção e escoamento de café da região Noroeste do Espírito Santo.

As características arquitetônicas de Itapina, conforme Silva (2017), refletem essa mescla de culturas e influências, que se materializam nos casarões e sobrados com traços ecléticos e proto modernos, além das construções industriais e ferroviárias que compõem o patrimônio local, visíveis na antiga estação e nos armazéns de café. Em 2013, o sítio Histórico de Itapina foi tombado pelo Conselho Estadual de Cultura do Espírito Santo (Secult, 2024), reconhecendo seu valor enquanto Conjunto Histórico e Paisagístico, preservando não só as edificações históricas, mas também a paisagem significativa que

testemunha o desenvolvimento da região ao longo dos anos.



**Figura 3.** Localização de Itapina – ES, Brasil (fonte: elaborada por Leandro Grandi (2024) com dados da Prefeitura Municipal de Colatina -PMC)

### *Estrutura Temporal*

Para uma melhor compreensão da análise do processo morfológico e das estruturas urbanas que configuram os elementos-chave da paisagem de Itapina, foi realizada uma periodização em formato de linha do tempo (Figura 4 e 6). A utilização da periodização, aqui neste trabalho, se baseia na identificação de períodos evolutivos, que se fundamenta nas características econômicas, sociais, políticas e culturais, que levam às inovações e às evoluções refletidas na estrutura urbana e que condicionam um período de ascensão e de declínio de determinada característica urbana. Assim, a linha do tempo foi construída de forma descritiva e cronológica, destacando tantos momentos históricos amplos, que refletem o desenvolvimento social, político e cultural da região e que podem ter impactado a estrutura urbana da cidade, quanto eventos históricos locais. Além dos fatos marcantes, também foram destacadas, com imagens, as construções que representam o processo de

formação e transformações do desenvolvimento urbano da cidade.

O processo de urbanização de Itapina desenvolveu-se em dois momentos a partir da segunda metade do século XIX (Silveira, 2016). O primeiro ocorreu por volta de 1866, com a chegada de fluminenses e mineiros. A segunda iniciou-se a partir de 1889, impulsionada pela navegação a vapor no rio Doce e pela instalação da Estrada de Ferro Vitória-Minas (EFVM) em 1907, que viabilizaram a distribuição de mercadorias. Esse novo cenário foi atraindo imigrantes europeus, nomeadamente italianos, alemães, portugueses sírio-libaneses, e propiciou a implantação de uma infraestrutura e um desenvolvimento local, transformando Itapina em um importante entreposto comercial.

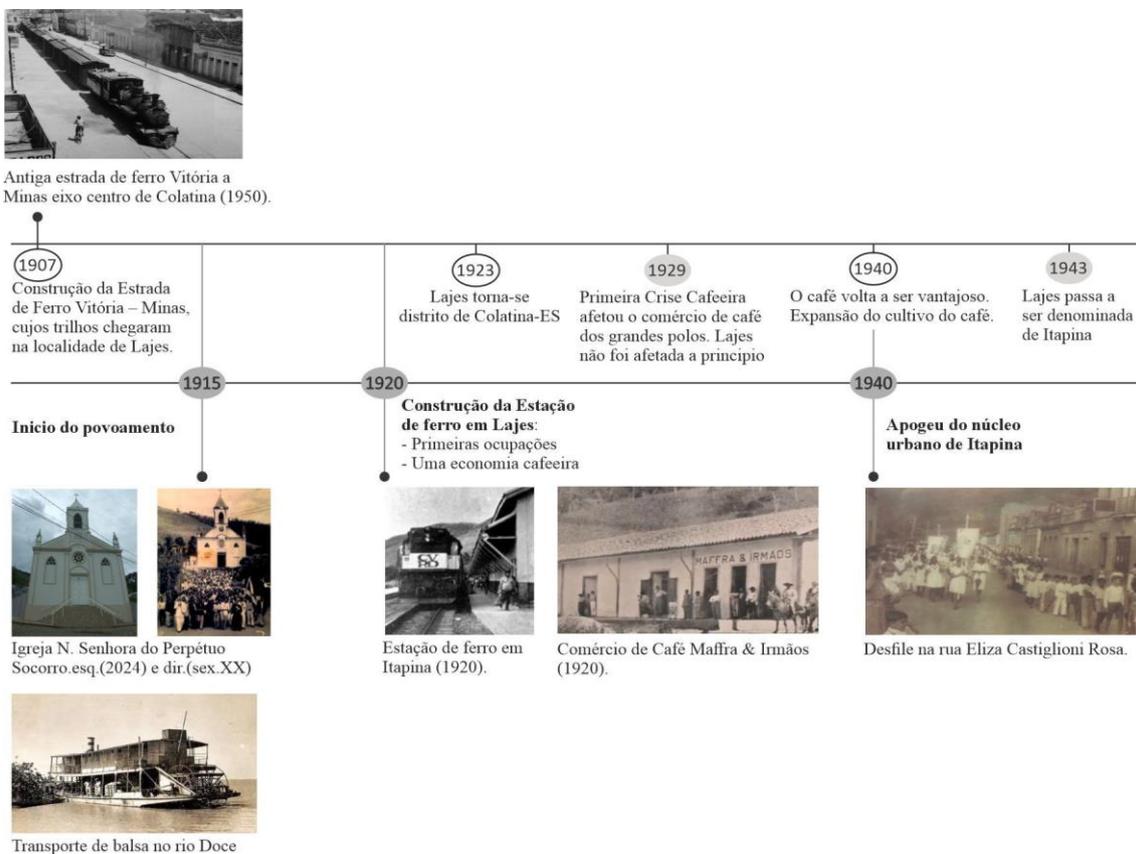
Dessa forma, pode-se identificar o início do primeiro período evolutivo de Itapina por volta de 1915, quando o núcleo urbano começou a se consolidar, tanto como polo econômico, com o surgimento de comércio, quanto na dinâmica social e cultural local,

com eventos de lazer, festas e encontros. Nesse processo de estruturação urbana, além da estrada de ferro e do rio Doce, com seus significados ligados ao transporte, à pesca e ao lazer, foi a igreja, que se tornou um marco seminal. Localizada no alto do vilarejo, a igreja não apenas assinalava o território, mas também, com sua relevância social e religiosa, conferia grande importância ao desenho e à silhueta urbanos. A sua centralidade no processo de consolidação de Itapina era evidente, como mostram relatos de moradores locais, que destacam a vitalidade da rua da Igreja, palco de festividades como novenas, missas campais, presépio vivo, missa dos pobres e romarias, reforçando a importância desse espaço como ponto de encontro e interação da comunidade.

O núcleo urbano consolidou-se como um importante núcleo econômico com a instalação da estação ferroviária, impulsionando o escoamento de café. Nesse contexto, Itapina tornou-se uma referência na produção cafeeira da região noroeste do Espírito Santo. Seu período de maior

prosperidade coincidiu com a fase áurea do café, entre 1920 e 1940, quando o ciclo cafeeiro foi o principal motor de desenvolvimento local. Esse significado da economia cafeeira para a cidade pode ser evidenciado através de relatos de antigos moradores, como o de Jaime Véio (2011), em Tesch (2018): “Itapina foi o lugar que mais exportou café do mundo. As sacas de café eram empilhadas na estação até a cumieira, que era levado para Vitória nos vagões de trem”. Esse depoimento revela a dimensão e o papel central que a ferrovia e o café desempenhavam na vida cotidiana de Itapina.

Assim, o primeiro período evolutivo de Itapina, entre 1915 e 1940 (Figura 4), é marcado por sua origem como um núcleo de ocupação vinculado à prosperidade da economia cafeeira nas primeiras décadas do século XX. Esse desenvolvimento foi impulsionado pelas redes de transporte fluvial e ferroviário, destacando-se como elementos morfológicos essenciais: a igreja, o rio Doce, a estrada de ferro e a estação.

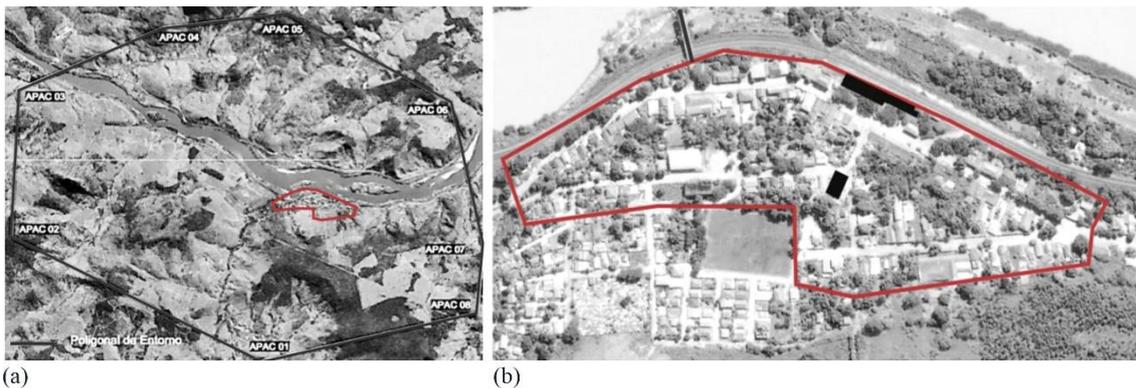


**Figura 4.** Linha do tempo (a) - Primeiro Período Evolutivo (1915 -1940): estrada de ferro e estação; igreja; o rio Doce e o comércio do café (fonte: elaborada pelos autores)

A partir da década de 1940, iniciou-se o segundo momento histórico de Itapina (Figura 4), caracterizado pela desativação da Estação Ferroviária para escoamento de café em 1947, o que coincidiu com o aumento dos investimentos na construção de rodovias. Esse período, entre as décadas de 1950 e 1960, também foi marcado pela segunda crise cafeeira, resultando na queda da economia local e no consequente êxodo da população. A crise e o esvaziamento urbano de Itapina, somados à crescente predominância do setor rodoviário, trouxeram mudanças na estruturação da cidade. Em 1956, houve a tentativa de construir uma ponte para unir as duas margens do rio Doce, encurtando o caminho até Colatina, mas as obras foram paralisadas em 1958 e nunca mais foram retomadas. Outro evento importante foi a construção da rodovia federal BR-259 na margem do rio Doce oposta a Itapina, atravessando o estado do Espírito Santo, no sentido leste – oeste, atendendo parte de

Minas Gerais e fortalecendo, ainda mais, o papel das rodovias como novo eixo de desenvolvimento regional.

Desta trajetória de desenvolvimento, resultou um conjunto urbano de linguagem homogênea, cujo valor patrimonial foi reconhecido pelo estado, a partir do tombamento como sítio histórico, em 2013 (Secult, 2024). O documento preza pela proteção dos bens culturais e naturais que constituem a Área de Proteção do Ambiente Cultural (Apac) de Itapina, constituída pelo Sítio Histórico Urbano, Patrimônio Ambiental Urbano e Paisagem Cultural. O Sítio Histórico de Itapina implantado entre o rio e os morros possui sua área total demarcada a ser protegida pela Poligonal de Tombamento. A Zona Central Histórica (ZCH), estabelecida pela porção do território resultante do período de ocupação e prosperidade econômica de Itapina, reúne o maior número de edificações de interesse de preservação (Figura 5).



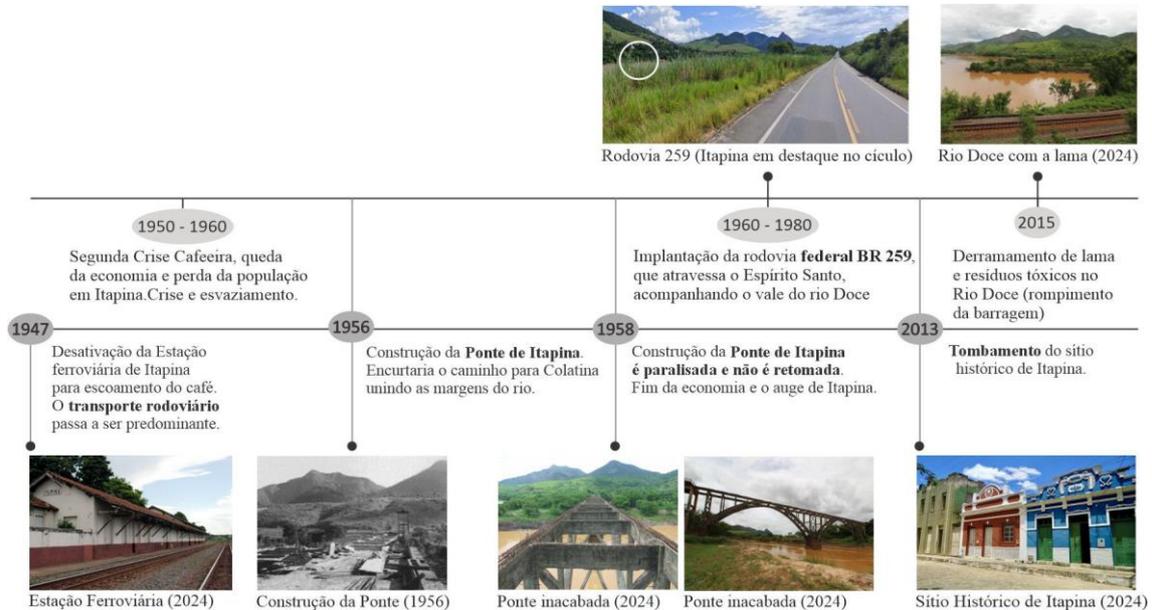
**Figura 5.** (a) Poligonal do Tombamento, (b) Zona Central Histórica (ZCH), destaques: igreja, estação e ponte inacabada (fonte: adaptada pelos autores a partir da Secretaria da Cultura-ES)

Dois anos mais tarde, em novembro de 2015, o distrito de Itapina foi atingido pela passagem dos rejeitos resultante do rompimento da barragem de Fundão, da Samarco Mineradora, em Mariana (MG), Brasil. O rio Doce, até então uma fonte de lazer, sustento e trabalho – especialmente com a pesca e o transporte – transformou-se em lama. Como descrito por Dadalto (2017), todo o significado simbólico e funcional que o rio tinha para a comunidade foi alterado, forçando uma transformação e redefinição na relação dos moradores com o rio. Essa mudança trouxe impactos nos aspectos sociais, econômicos e paisagísticos, afetando também o vínculo afetivo e as memórias históricas, que conectavam o rio ao lugar.

Conclui-se que o segundo período evolutivo de Itapina, do decênio de 1940 até ao presente, foi caracterizado por uma fase de crise e metamorfoses (Figura 6). A desativação da estação ferroviária em 1947, a expansão das rodovias, o impacto da segunda crise cafeeira e o esvaziamento populacional trouxeram mudanças na estruturação urbana e econômica da cidade. O rompimento da barragem de Fundão, em 2015, simboliza o fechamento desse ciclo, alterando a relação da comunidade com o rio e provocando uma redefinição dos aspectos demográficos, sociais, paisagísticos e culturais de Itapina. Atualmente, mesmo com o tombamento e o reconhecimento de Itapina como um conjunto histórico e paisagístico, o processo ainda não produziu resultados satisfatórios, mesmo após

mais de dez anos. O número de imóveis em bom estado de conservação e com requalificações adequadas permanece limitado, enquanto grande parte das edificações do núcleo central, restauradas ou não, permanece abandonada ou vazia, o que contribui para a degradação progressiva do

patrimônio. Por fim, destacam-se aqui ainda, elementos morfológicos considerados significativos para esse período e processos de transformação: a construção da rodovia BR-259 e a ponte inacabada, tentativa frustrada de construir uma ligação sobre o rio Doce.



**Figura 6.** Linha do tempo (b) - Segundo Período Evolutivo (a partir de 1940): rodovia BR-259 e a ponte inacabada (fonte: elaborada pelos autores)

*Análise e Interpretação*

Com base nos fundamentos de Conzen (2004), a cidade pode ser lida a partir da análise de sua forma física, e deve se centrar na identificação dos elementos morfológicos que definem os denominados “períodos morfológicos”. Esses elementos variam conforme sua integração no arranjo espacial ou pelo impacto isolado de importantes estruturas urbanas. Por conseguinte, o valor patrimonial de Itapina não se resume aos seus edifícios ou até estruturas excepcionais, lidas como ‘monumentos’. Do conjunto tombado irradiam outras representações patrimoniais e referenciais.

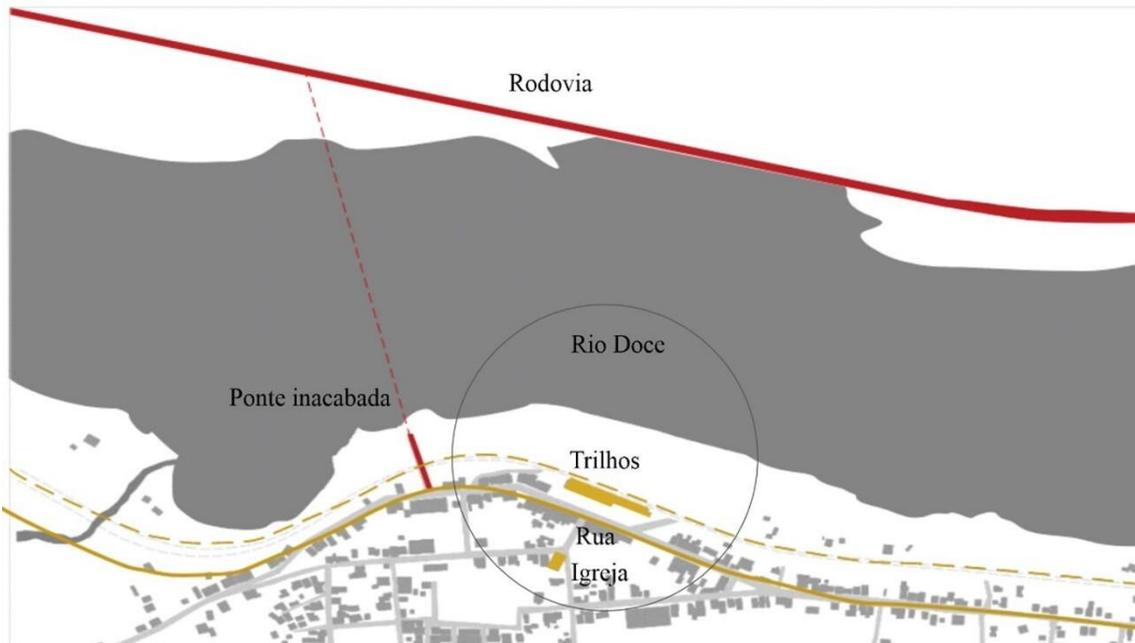
Do primeiro período evolutivo de Itapina, marcado pela prosperidade econômica cafeeira na primeira metade do século XX, os setores de conexão fundamentais para o desenvolvimento da região e o escoamento do café se destacam, como as redes ferroviárias e fluviais. Assim, o aglomerado pode ser analisado através de um modelo de implantação linear, que tem no rio Doce a sua principal referência geográfica. Estabelecem-

se, assim, duas principais linhas paralelas de comunicação: a rua principal, que desempenhava um papel importante ao conectar o cotidiano da cidade à sua função econômica; os trilhos da ferrovia, canal crucial para escoamento do café e ligação inter-regional (uma terceira linha paralela surgirá, mais tarde, com a abertura da rodovia na margem oposta, igualmente seguindo o curso do rio). Este modelo referencia-se historicamente nas implantações lineares da cidade colonial portuguesa (Teixeira; Valla, 1999), agora reverberando num tempo já novecentista. (Figura 7).

Além desses eixos de circulação e ligação, o núcleo original de Itapina tinha como pontos de referência a igreja, que, localizada em posição elevada, funcionava como um marco central de importância religiosa e social, servindo de ponto de partida para desfiles e procissões, e a estação ferroviária, nódulo mercantil do vilarejo. Entre eles, estabelecia-se um novo eixo, agora transversal e perpendicular à linearidade paralela da margem do rio Doce. Por conseguinte, Itapina

resulta ainda de outro modelo simultâneo de assentamento, também ele com eco histórico-colonial, que se traduz na definição de uma ‘alta’ na localidade, sede do poder religioso e

marcado pela igreja matriz, e de uma ‘baixa’, relacionada com a atividade comercial. (Figura 7 e 8).



**Figura 7.** Elementos estruturantes da paisagem de Itapina - ES (fonte: elaborada pelos autores)



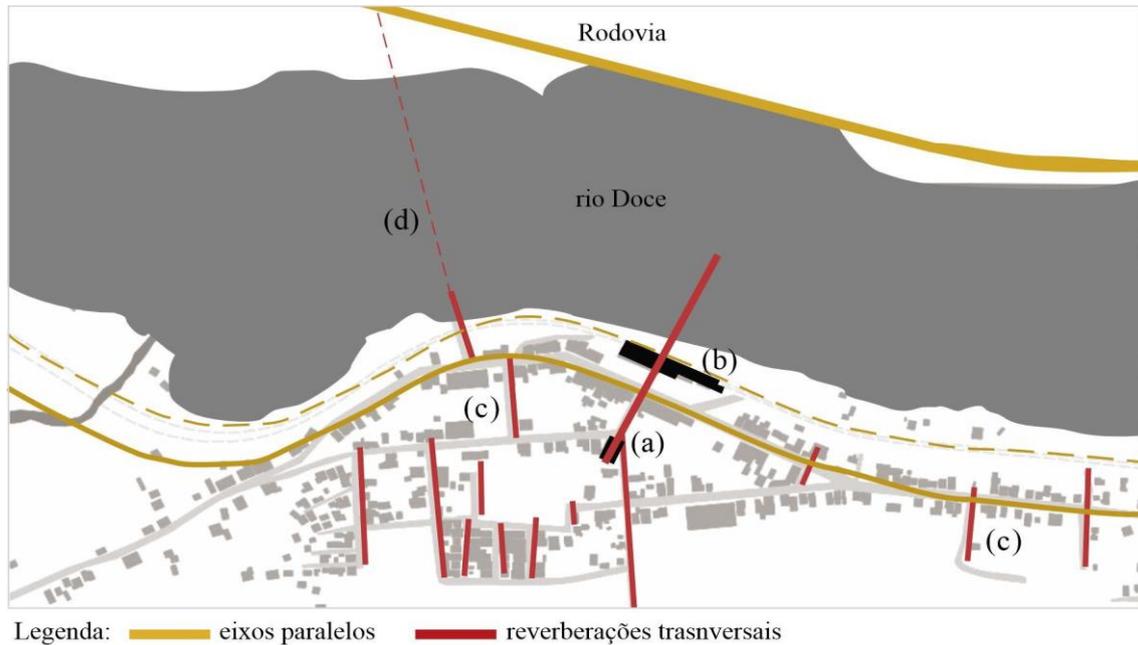
**Figura 8.** Igreja na ‘alta’ localidade de Itapina – ES (fonte: elaborada pelos autores).

Estes dois modelos, de desenho linear paralelo ao rio e de consolidação de polos em cotas

desniveladas criando uma axialidade transversal, foram a matriz para a definição de

um tecido urbano de tendência ortogonal, mesmo que bastante imberbe no seu desenvolvimento. Outros eixos transversais mais tímidos, porém, marcados pela direção do eixo igreja-estação, continuaram a sinalizar

a urbanização e circulação em Itapina, através de pequenas ‘espinhas’ para o interior. São eles, fundamentalmente, responsáveis pela expansão do vilarejo para o interior e ao longo da via para jusante do rio (Figura 9).



(a) igreja (b) estação ferroviária (c) ruas direcionadas ao contato com o rio (d) ponte inacabada

**Figura 9.** Eixos paralelos com reverberação transversal (fonte: elaborada pelos autores, 2024)

Trata-se de um período que se desenvolveu durante o segundo momento histórico, com a desativação da estação ferroviária de Itapina em 1947, utilizada até então para o escoamento do café, e com uma reconfiguração no papel dos elementos estruturantes da cidade. A introdução das rodovias como novo meio de escoamento e transporte trouxe mudanças significativas para o desenvolvimento urbano. A implantação da Rodovia, que trouxe um novo eixo de circulação na outra margem do rio, e a tentativa de construção da ponte sobre o rio Doce, iniciada em 1956, geraram uma nova conexão regional e contribuíram para criar uma linha transversal ao eixo urbano original, que até então se desenvolvia de forma linear. Tal tendência transversal é ainda hoje reforçada pelo trajeto de atravessamento do rio por uma pequena balsa de passageiros.

O ambiente construído propõe, igualmente uma interpretação transversal da sua morfologia, que contradiz a mencionada leitura linear do conjunto urbano. A igreja,

com sua representatividade social e religiosa, e a estação ferroviária, ainda operante na época com o escoamento do café, eram pontos de referência fundamentais na formação e consolidação do traçado de Itapina. Essas estruturas estabeleceram pontos correspondentes de centralidades e, ao se conectarem ao rio Doce, que era valorizado tanto pelo lazer quanto pela pesca e transporte, criaram uma força pendente relacionada entre as áreas altas e baixas do vilarejo.

Essa reverberação transversal, inicialmente embrionária, tornou-se mais evidente com o tempo, à medida que a relação entre as partes alta e baixa foi reforçada pela implantação da rodovia e pela tentativa de construir a ponte, que visava unir as margens do rio. Essa relação simbólica e funcional entre a parte alta e baixa, também se manifesta nas ruas que direcionam o fluxo para o rio, consolidando esse aspecto ao traçado urbano de Itapina, orientada tanto pelos fluxos longitudinais quanto pelas transversais em direção ao rio Doce (Figura 10).



**Figura 10.** Ruas direcionadas ao contato do rio Doce. (Fonte: elaborada pelos autores, 2024)

Assim, além a composição das ruas e dos eixos estruturantes paralelos e perpendiculares do traçado urbano, é possível analisar Itapina segundo cinco plataformas de referência da paisagem com características lineares e eixos paralelos ao sempre referencial rio Doce. A disposição desses elementos urbanos destaca o caráter funcional e simbólico de cinco camadas de referência estrutural que compõem a paisagem de Itapina: a igreja; a rua principal; os trilhos da ferrovia; o rio Doce e a Rodovia. (Figura 11).

Essa abordagem analítica da configuração da paisagem de Itapina revela plataformas referenciais que, ao longo do processo evolutivo, desempenharam importantes papéis de centralidades e de organização funcional da cidade. Essas estruturas serviram como pontos de referência e na construção de eixos de circulação e conexão, fundamentais para a formação e desenvolvimento do traçado urbano da cidade. Cada um desses elementos desempenhou um papel importante na configuração urbana, na dinâmica social e na economia local. Em especial, os elementos morfológicos, que historicamente influenciaram a localização e o desenvolvimento do núcleo urbano de Itapina, tiveram um papel central. A estação ferroviária, por exemplo, foi um símbolo de desenvolvimento, atraindo imigrantes e

comerciantes, além de dinamizar a economia local com o comércio gerado em torno do movimento de passageiros. Já o rio Doce, que desempenhava diversas funções de transporte, comércio, lazer e integração social, era a “alma” da cidade. Esses dois elementos morfológicos acrescidos da igreja, marco referencial posicionado na parte mais alta, revelam pontos estratégicos cruciais e funcionais de nós e centralidades no cruzamento de eixos estruturantes paralelos e transversais que ligam e conectam as outras duas plataformas funcionais, a rua principal e a Rodovia (Figura 11).

### **Conclusões e Perspectivas**

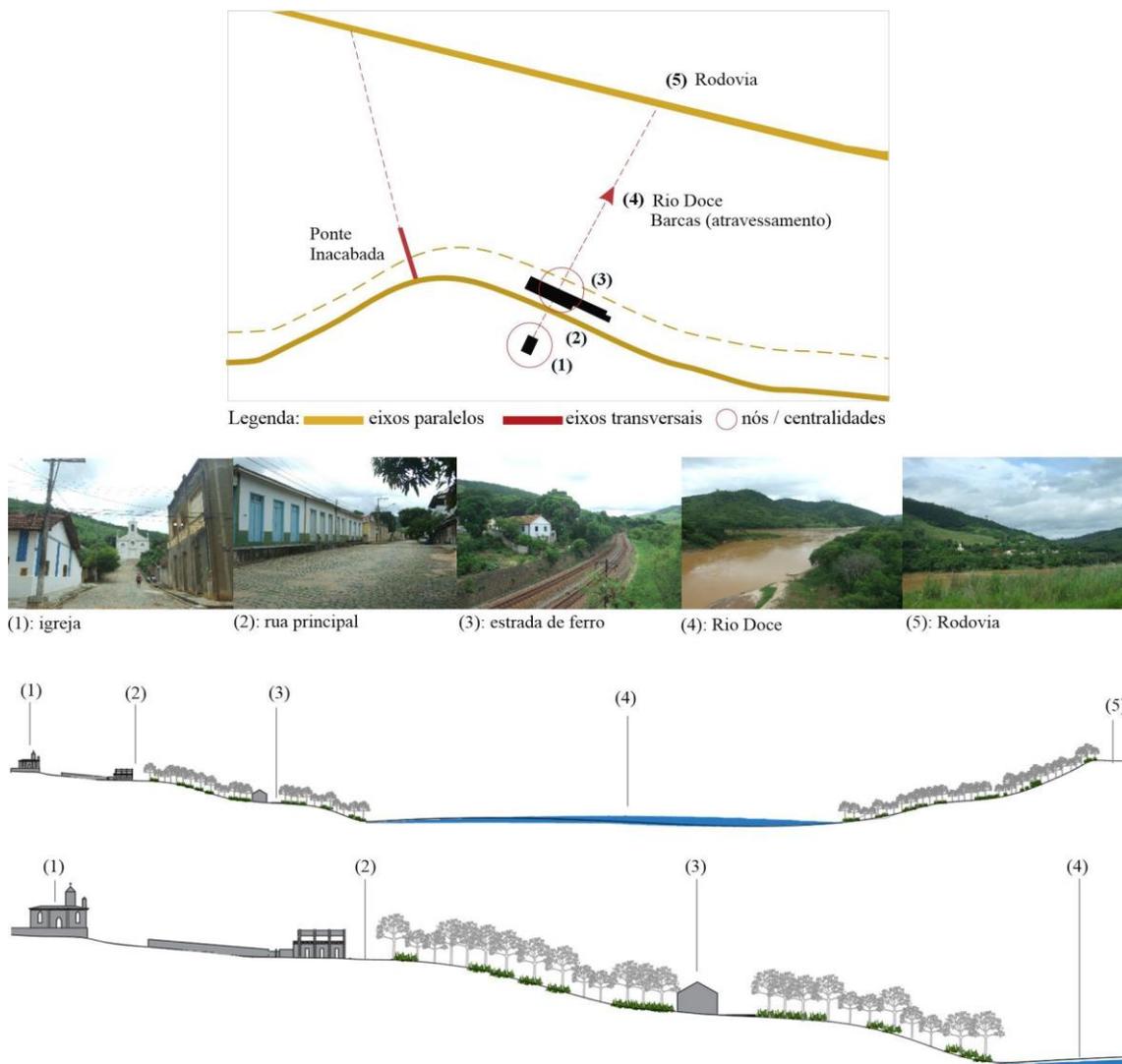
Com base nas análises desenvolvidas, foi possível compreender a importância dos elementos estruturantes na paisagem de Itapina, em como eles moldaram a identidade e o desenvolvimento da cidade ao longo do tempo. A partir da elaboração de mapas esquemáticos, com a identificação das cinco plataformas de referência e da composição de eixos de estruturação funcional em Itapina, foi possível acompanhar as transformações que se deram no ambiente construído e entender as representações que emanam. As persistências históricas de modelos de implantação podem funcionar como elementos chave para

intervenções informadas de futuros projetos de requalificação da vila e seu entorno.

Dado o cenário atual de Itapina, marcado pelo processo de declínio de atividade econômica, pelo apagamento de funções importantes, pela obliteração do rio Doce como motor de desenvolvimento e por um forte encolhimento demográfico, as análises realizadas permitem não apenas compreender como os elementos estruturantes têm impactado essa realidade, mas também preconizar neles instrumentos potenciais para a reversão desse quadro. Esses elementos, que moldaram historicamente o desenvolvimento urbano da cidade, podem ser

fundamentais para revitalizar a dinâmica local, seja ao resgatar suas funções originais ou ao explorar novas formas de integrar esses marcos na vida econômica e social da cidade.

Manter os elementos estruturantes vivos e permanentes, tanto no aspecto morfológico e funcional quanto nas relações culturais e sociais, é essencial para que a cidade de Itapina não perca suas referências históricas e identitárias. Ao preservar e revitalizar esses elementos, há a possibilidade de reverter o quadro de declínio, fortalecendo o vínculo da população com seu espaço urbano e resgatando a vitalidade econômica e social.



**Figura 11.** Perfil entre as áreas altas e baixas de Itapina (fonte: elaborada pelos autores)

No contexto morfológico e funcional, a reativação dos nós e centralidades, como a funcionalidade da igreja, da estação ferroviária, do rio Doce e das rodovias é um passo importante para devolver a Itapina seus

eixos estruturantes. A reabilitação da estação ferroviária poderia transformá-la em um ponto de atração histórica e cultural, enquanto o rio, com um projeto de revitalização eco-ambiental e turística, voltaria a ser um recurso

econômico e social. A manutenção das rodovias e sua integração com o núcleo urbano também trariam novas possibilidades de conectividade, ao mesmo tempo em que se preserva o traçado linear original e a função patrimonial da cidade.

Esses elementos não são apenas estruturas físicas, mas também pontos de encontro e interação social. A igreja, por exemplo, continua sendo um marco de centralidade religiosa e social, que poderia ser valorizado através de eventos culturais e celebrações comunitárias. As reverberações de sua importância no passado precisam estar em sintonia com as atividades atuais, como o tradicional Festival Nacional da Viola – FeNaViola –, um evento musical de alcance nacional que Itapina sedia anualmente.

Assim, ao reativar esses espaços de convivência e conexão, a cidade alcança condições de reforçar sua identidade coletiva e reconstruir as redes sociais que se enfraqueceram ao longo dos anos. Ao investir na preservação e requalificação desses elementos estruturantes, Itapina pode não só resgatar sua memória histórica, mas também promover um futuro mais promissor, no qual o patrimônio cultural, urbano e edificado da cidade é a base para seu desenvolvimento e crescimento contínuo sustentado.

### Agradecimentos

Os autores agradecem à FAPES, à CAPES, ao CNPq e ao Lab2PT pelo auxílio financeiro e bolsa de estudos.

### Referências

Besse, J. M. (2014) “As cinco portas da paisagem - ensaio de uma cartografia das problemáticas paisagísticas contemporâneas”, em Besse, J. M. (ed.) *O gosto do mundo: exercícios de paisagem* (Eduerj, Rio de Janeiro)11-66.

Cullen, G. (2010) *Paisagem Urbana* (Edições, Lisboa).

Conzen, M. R. G. (2004) *Thinking About Urban Form, Papers on Urban Morphology (1932-1998)* (Peter Lang Publishers, Nova Iorque)

Conzen, M.R.G. (2010) *As paisagens urbanas históricas na Inglaterra: um problema de geografia aplicada*. Traduzido por Stael A. P.

C. com colaboração de Luana R. G. e Marina S. (Publicado originalmente em: House, Northern Geographical Essays. Newcastle upon Tyne: J.R.W., 1966, pp. 56–78).

Dadalto, M. C.; Pavesi, P.; Santos, D.; Nunes, L.; Piccoli, B. (2017) “Memória e natureza na ressignificação do rio Doce em Itapina, ES: Narrativas na pós-tragédia do rompimento de barragem de rejeitos da Samarco Mineradora”, em *Anais do XXXI Congresso de la Asociación Latinoamericana de Sociología, 3-8 dezembro 2017, Montevideo, Uruguai*. <https://cdsa.academica.org/000-018/1299.pdf?view>

Dias Coelho, C. (2014) *O tempo e a Forma* (Argumentum; Lisboa).

Fernandes F. Q. de R., e Souza Mendonça, E. M. “Uma lógica entre caminho e sítio original de ocupação: conjugação entre rua principal e praça em Vila Velha-ES”, em *Anais da 11ª Conferência da Rede Lusófona de Morfologia Urbana, PNUM 2023, 13-14 setembro 2023, Sintra, Portugal*.

Fernandes, S. P. (2016) “O formaurbisLAB e a utilidade dos estudos de morfologia urbana”, em Oliveira, V., *Revista de Morfologia Urbana* 4(2) 111-113.

Frampton, K. (1997) *História crítica da arquitetura moderna* (Martins Fontes, São Paulo).

Ibge – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Censos 2022). *Agregados por Setores Censitários preliminares: População e Domicílios* (IBGE, Rio de Janeiro).

Kostof, S. (1991) *The City Shaped: urban patterns and meanings through history* (Bulfinch Press, Londres).

Lamas, J. M. R. G. (2011) *Morfologia urbana e desenho da cidade*. (Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa).

Morris, A. E. J. (1979) *História de la forma urbana: desde sus orígenes hasta la Revolución Industrial* (Gustavo Gili, Barcelona).

Nesbit, K. (2006) *Uma nova agenda para a arquitetura* (Cosac Naify, Brasil).

Oliveira, V. (2018) *Diferentes abordagens em morfologia urbana: contributos luso-brasileiros* (FEUP, Porto).

Costa, S. de A. P., et al. (2011) "*Encontro de Mentes*": *Investigações sobre os conceitos comuns e abordagens diferenciadas das principais Escolas de Morfologia Urbana* (Universidade Federal de Minas Gerais-Escola de Arquitetura, Belo Horizonte).

Portas, N. (2005) *Os tempos das formas: a cidade feita e refeita* (Universidade do Minho, Guimarães)

Safe, S. M. S; Costa, S.de A. P. (2014) "Paisagem e patrimônio: o papel da historicidade", em *Anais do 3º Colóquio Ibero-Americano da Paisagem Cultural, Paisagem e projeto - Desafios e Perspectivas*, 15-17 setembro 2014, MACPS/UFMG, Belo Horizonte.

Secult, Secretaria de Estado da Cultura. Gerência de Memória e Patrimônio. Disponível em: Acesso em: 05 de out. de 2024.

Silva, D. G. (2017) "Sítio Histórico de Itapina/Es: O Patrimônio enquanto

monumento a ser preservado e a sua problemática atual de preservação", em *Anais do IX Mestres e Conselheiros - Agentes Multiplicadores do Patrimônio*, UFMG, Belo Horizonte.

Silveira, A. V. (2016) "O Sítio Histórico de Itapina/ES e a paisagem cultural do Vale do Rio Doce: desafios e possibilidades", em *Anais do 4º Colóquio Ibero-Americano paisagem cultural, patrimônio e projeto*, 26-28 setembro 2016, IPHAN / UFMG / IEDS, Belo Horizonte.

Teixeira, M. C. e Valla, M. (1999) *O Urbanismo Português* (Livros Horizonte, Lisboa).

Tesch, A. L. (2018) "Multiterritorialidade no Distrito de Itapina, Colatina: Espírito Santo", Dissertação de Mestrado não publicada, Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil.

---

*Itapina's Contemporary Landscape Reading. Settlement, Representation, Reference*

**Abstract.** *This article aims to discuss the analysis of the current landscape configuration of Itapina, located in the municipality of Colatina, in the state of Espírito Santo, Brazil, with a focus on its primary occupation nucleus. The objective is to establish references that may inform future urban qualification projects for the area. Drawn by the first stages of the research project "Transformation of the Contemporary Urban Landscape in Regional Centres: Erasure and Persistence in Itapina and Maria Ortiz, Colatina – ES," this work has methodologically evolved from data collection, urbanistic and photographic surveying, and the development of graphical and analytical records to the formulation of interpretative hypotheses regarding settlement models and their representations. This paper suggests a debate on the contemporary landscape and the application of historically echoed models, with attention to their physical conformation and symbolic representation. Special emphasis is given to the spatial relationships between the town's high and low areas and the axial composition of streets and/or functional structuring axes. This integrated approach seeks to explore urban morphology as a tool for valuing the urban landscape references of Itapina over time.*

**Keywords.** *Itapina, Urban form, Landscape references, Historical models, Symbolic representation.*

---

*Editores responsáveis pela submissão: Ana Claudia Cardoso, Kamila Oliveira e Alberto Lima.*

*Licenciado sob uma licença Creative Commons.*

